

QUEM ACREDITA NA
ARTE, VEM.

TALENTOS

20
20

✧ FENAE ✧ APCEF



Diretoria Executiva

Diretor-presidente:

Sergio Takemoto

Diretor vice-presidente:

Marcos Aurélio Saraiva Holanda

Diretor de Administração e Finanças:

Clotário Cardoso

Diretor de Comunicação e Imprensa:

Moacir Carneiro da Costa

Diretor Sociocultural:

Nilson de Moura Júnior

Diretor de Formação:

Jair Pedro Ferreira

Diretor de Esportes:

Carlos Alberto Oliveira Lima (Caco)

Diretora de Políticas Sociais:

Rachel Weber

Diretora de Impacto Social:

Francisca de Assis Araújo Silva

Diretora de Saúde e Previdência:

Fabiana Cristina Meneguele Matheus

Diretora de Juventude:

Rachel de Araújo Weber

Diretora de Relações de Trabalho:

Rita de Cássia Santos Lima

Diretora de Assuntos de Aposentados e Pensionistas:

Vera Leão

Diretor da Região Norte:

Jerry Fiusa dos Santos

Diretor da Região Nordeste:

Paulo Moretti

Diretor da Região Centro-Oeste:

José Herculano do Nascimento Neto (Bala)

Diretor da Região Sudeste:

Dionísio Reis Siqueira

Diretor da Região Sul:

Naiara Machado da Silva

Superintendente de Comunicação e Relacionamento:

Gioconda Bretas

Gerência de Relacionamento:

Gisele Mota

Coordenação de Conteúdo:

Cinara Lima

Redação conteúdo: **Aline Baega, Andrea Viegas, Lis Weingärtner, Jonilda Bonfim, Junia Lara, Pamela Santos, Soraya Gomes e Yuri Torres**

Edição: **Ana Luíza Victorino**

Fotos: **Paulo Henrique Lima**

Arte: **Lisarb Senna de Melo**

Equipe Talentos 2020: **Ana Luíza Victorino, Ana Paula Bessa, Lis Weingärtner, Yuri Torres (Gecom), Vanessa Dantas, Vera Mourão e Samires Gonçalves (Gerel)**

Unidos pela emoção

Com slogan “Quem acredita na arte, vem!” a 5ª edição do Talentos Fenae/Apcef em 2020 veio reforçar a importância da arte em tempos de Covid-19 e distanciamento social. Pela primeira vez, o formato do Talentos mudou e foi 100% on-line devido à pandemia. Mesmo que distantes local e regionalmente, o evento foi um presente via computador para manter o tão precioso vínculo entre os colegas.

As inscrições bateram os recordes, em todas as categorias do concurso, e a energia contagiante dos empregados fez a diferença em todas as fases do Talentos Fenae/Apcef em 2020. Mesmo em um ano na linha de frente no atendimento emergencial para uns, ou de isolamento no trabalho remoto para outros, e metas abusivas para quase todos.

O Talentos Fenae/Apcef em 2020 cumpriu seu papel de estimular a produção cultural e revelar novos artistas entre os empregados da Caixa ativos e aposentados em um momento difícil para todos.

Esta publicação é mais um presente para todos os talentosos empregados, que abriram seus corações e mostraram a arte e cultura que existe entre os trabalhadores da Caixa. Nas páginas deste livro, é possível notar a dedicação e o envolvimento em cada detalhe das obras.

A arte e a cultura inspiram e aproximam as pessoas. Convidamos todos a mergulhar neste mundo incrível do Talentos Fenae/Apcef!



ARTES VISUAIS



LITERATURA



FOTO & FILME



MÚSICA



FOTOS DO CONCURSO ...



Fenae 50 anos

Em 50 anos, a Fenae, em sintonia com as Apcefs, sempre buscou incentivar a veia criativa dos empregados da Caixa, para mostrar que todos podem “sair da caixinha”, mostrar que a vida não é só trabalhar e que o empregado da Caixa tem muitos outros talentos e possibilidades de se expressar: música, artes visuais, poesia, literatura.

O sucesso do Talentos Fenae/Apcef mostra que de forma presencial ou virtual, o que une os empregados Caixa em torno dessas manifestações culturais é algo que já se tornou tradição, a possibilidade de mostrar seu talento aos amigos, colegas de trabalho e alcançar um público que aprecia a arte. Que venham mais 50 anos de arte e cultura! E talentos!

Conheça mais sobre os programas, projetos e ações da Fenae

Acesse www.fenae.org.br



Sergio Takemoto

Presidente da Fenae

“A resposta dos associados ao Talentos, mesmo de forma virtual, foi gratificante. Nesse novo normal é bom ver que prevaleceu a união, a competição de obras com muita qualidade e diversidade. A Fenae e as Apcefs vão continuar incentivando o empregado a mostrar seu talento.”



Nilson Moura

Diretor Sociocultural da Fenae

“A Fenae e Apcefs, apesar das adversidades impostas pela Covid-19, estivemos próximo aos associados, trazendo os artistas que estão escondidos para mostrar suas obras. Chegamos à conclusão que levar o bem-estar às pessoas era a melhor forma de lhes trazer esperança num mundo melhor.”



Marcos Saraiva de Holanda

Vice-presidente da Fenae

“O esforço da Fenae, que nesse período difícil de pandemia, manteve o concurso em 2020 é um compromisso com o bem-estar de quem constrói nosso banco público. Ajudar no bem-estar dos colegas da Caixa é valorizá-los com o que nos enche de esperança, com a cultura.”



Jadir Garcia

Presidente do CDN e representante das Apcefs

“Além da defesa dos direitos do empregado Caixa e da Caixa pública, os presidentes das Apcefs sabem que promover a arte é uma forma de valorizar as pessoas, de valorizar a vida e tudo o que possuímos. O Talentos Fenae/Apcef é um evento que fortalece vínculos e compartilha o bem.”



DESENHO E PINTURA



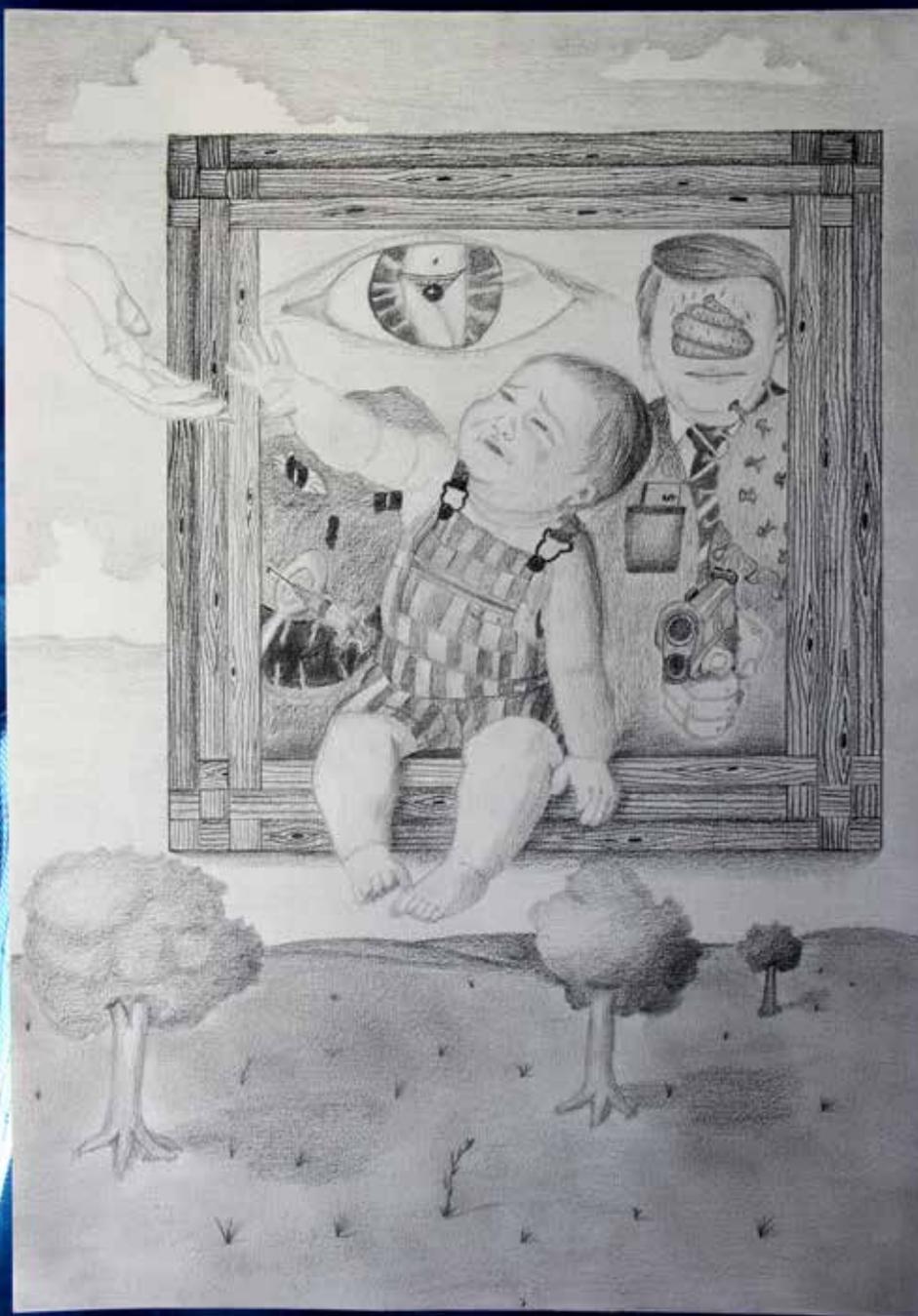
“Eu participo do evento desde 2017. Esse ano, pela segunda vez obtive o 1º Lugar na Etapa nacional e dessa vez on-line! Foram duas experiências distintas, mas ambas como muito emoção! Esperei ansiosamente por cada uma das lives e cada uma delas foi um evento com festa em família!”



DESENHO E PINTURA



“A Fena e Apcefs nos proporcionaram um evento incrível, um espaço para manifestação da arte e cultura, em um momento que se faz tão necessário exercer nossas experiências e reflexões. Recebi o prêmio no dia do meu aniversário, além do maravilhoso show do Diogo Nogueira, só gratidão!”



DESENHO E PINTURA



“Participo do Talentos desde 2017 e acho esse evento superimportante para incentivar a produção artística entre os empregados. A decisão de garantir a realização do Talentos mesmo durante a pandemia foi um alívio para todos nós. Estou ansioso para o Talentos 2021. Que venham mais troféus!”



DESENHO INFANTIL



“Sempre participei dos concursos de desenho pela Apcef/SP. Tive que me esforçar bastante para me expressar da maneira que queria, mas felizmente, tudo ocorreu bem no final. Meus pais sempre me incentivaram a participar e fiquei bastante animado quando ganhei.”

Morte da verdade

Aquele dia amanheceu lindo, tudo maravilhoso, até o vento que batia no corpo exalava vida, as plantas exalavam vida, o calor que batia na pele, deixava a vida latente. Foi assim que Josias acordou naquele dia: cheio de vida.

Era estranho, não era comum ele se sentir daquele jeito. Em geral a vida diluía-se entre os seus dedos, passavam rapidamente, os minutos iam fluindo por suas veias e a sensação de que tudo estava se esvaindo permanecia durante todo o dia. Mas aquele dia era diferente. Ele até se sentia bem para sair na rua. Talvez não olhassem as cicatrizes do seu corpo, de suas mãos, ele sentia que não precisava se esconder. Talvez não precisasse, ao menos naquele dia, usar sua pesada roupa que escondia quase todo o corpo e esgueirar-se pela noite adentro para cumprir suas missões noturnas

Ele se levantou, vestiu uma roupa leve e desceu do quarto de pensão de onde estava. Cumprimentou feruorosamente o dono do estabelecimento e foi à mesa tomar um café com pão duro e um queijo meio amarelado. Apesar da simplicidade, aquela refeição também era revigorante. Aquele dia estava estranhamente belo. O café não estava tão quente e logo ele virou a xícara sentindo sua língua queimar apenas na ponta. Naquele momento, antes de se levantar daquela mesa simples de cadeiras velhas de madeira e uma mesa semiúmida, foi interrompido pelo dono da pousada que estava estranhamente assustado.

Ele olhou Josias nos olhos, jogou o jornal na mesa e falou quase sem ar:

– Você está morto, Josias.

Josias até pensou em xingar o dono da pousada, mas, estranhamente, não se sentia confortável em usar aquelas palavras tão cotidianamente normais em outras situações, apenas retrucou:

– Dá esse jornal aqui.

O jornal estava dobrado no meio, ele o abriu lentamente e assim leu.

JORNAL DE SANTA ANA: MORRE JOSIAS, ENTERRO SERÁ HOJE. CORTEJO PELA CIDADE, VELÓRIO NO CEMITÉRIO DA CIDADE.

– É um absurdo – Esbravejou Josias, é continuou – Estou bem vivo, diferente do editor desse jornalzinho ao final do dia, no que depender de mim.

Do nada, parecia que toda a vida que exalava daquele ambiente havia sido trocada por uma nauseante sensação. Assim, engoliu até o último pingo do café, empurrou o pão e o queijo na boca e foi em direção ao jornal. Ao passar da porta, ele se sentiu cada vez mais estranho. A rua estava cheia e todos que olhavam para ele diziam a mesma coisa:

– Mas ele está morto – Dizia uma mulher que passava.

– Sim, ele está morto, li hoje no jornal – Falava um senhor.

– Esse jornal tem credibilidade, prefiro não acreditar no que vejo – Falava um jovem.

Mas como as pessoas não acreditavam no que eles viam, há alguma forma de interpretação que

CONTOS E CRÔNICAS



“Participo do Talentos desde o início e a categoria Literária é meu xodó. O desafio da pandemia foi gigante e o evento online foi desafiador para todos. Poder representar o estado que tão bem me acolheu e ser campeão nacional foi uma das minhas maiores alegrias num ano tão triste. A declamação de minha obra me marcou, arrepiei do início ao fim.”

Morte da verdade

uma pessoa que está viva na frente delas esteja, por algum motivo, na verdade morta? Josias queria tirar esse caso à limpo. Em meio aos olhares que as pessoas que mais acreditavam no que liam, do que no que viam, ele chegava lentamente na sede do jornal.

O jornal da cidade estava nas mãos de um editor apenas, tocava quase que exclusivamente tudo. Escrevia, cuidava da máquina de impressão. Não conhecia o valor de suas manchetes até receber de uma fonte desconhecida a notícia que uma pessoa teria morrido e que o enterro seria no dia seguinte. Aquela notícia venderia, confirmou a fonte. Vendia pois era o que o povo queria ouvir, eles queriam que aquela pessoa morresse, ela morreria, todo mundo ficaria feliz.

– Mas ela realmente morreu? – Perguntou o editor.

– É verdade tudo aquilo que o povo lê com convicção – Falou aquela fonte.

No dia seguinte, o jornal mal saía da impressora, todos ansiosos pelo enterro de Josias, o mesmo Josias que dizia estar uído na frente do jornal.

– Quem escreveu essa mentira? – Gritou Josias.

– Quem é você? – Falou o editor, incrédulo.

– Sou a manchete do seu jornal. – Esbravejou.

– Mas você está morto, todo povo sabe disso. – Falou com um sorriso de canto de boca.

– Por conta dessa notícia, mas você está me vendo agora, como parece estar? – Mantendo o tom firme.

– Bem, aqui diz que você está morto, então, você parece estar morto, para mim. – Arrematou o editor, parecendo não se importar com as reprimendas recebidas.

– Vou provar que estou vivo, vou nesse enterro que seu jornal publicou e resolver essa farsa.

Josias saiu assim mais irritado do que chegou. Como convencer a todos que ele estava vivo, se o povo todo acreditou no que leu sem questionar. Ninguém acreditava na verdade que estava na frente deles, via que, um a um, todos iam tomando o cemitério como direção. Como em um cortejo fúnebre, ele decidiu também ir.

Assim, seguindo o povo, em direção a seu próprio enterro. Alguns choravam, consolavam uns aos outros. Ninguém, porém, o conhecia minimamente, ninguém sabia as maldades que ele havia cometido. Era estranho tudo aquilo, pois parecia que morrer, naquele momento, era a redenção dele como pessoa. Era como se o perdão aparecesse em sua frente e oferecesse uma oportunidade. O clamor popular pela sua morte parecia, de certa forma, até aceitável.

A revolta pela mentira dita por todos, era trocada por uma aceitação. Era estranho, pois ele também sentia que estava morto. Mas o que o povo faria quando visse o caixão vazio que ia na frente de todos? Aquele caixão puxado por uma carroça bonita, acompanhados de um dos líderes religiosos da cidade de São Salomão.

Mais vazia que a notícia que estampava o jornal

daquele dia, era a caixa de madeira que orientava todo aquele percurso. Mas todo caminho tem um fim, e logo, aquele cortejo cruzou a cidade e estacionou no cemitério. Assim chegava perto de uma cova. No lugar onde a cova havia sido cavada, existia uma árvore. Aquela árvore era bem distante da primeira sepultura, longe da capela que estava no centro daquele cemitério, talvez nem a árvore pensasse que ia morrer tanta gente a ponto dela morrer para dar espaço a um morto. Por conta a falta de tempo para dar destino à árvore, ela descansava cortada próxima à cova do suposto morto. Ela também seria testemunha de tudo aquilo

As mulheres choravam e cantavam, os religiosos puxavam rezas e orações. Enquanto isso, Josias bem que queria que fosse tudo verdade, ele estava sendo velado lindamente, só que ele estava vivo, ao lado de um caixão vazio. Começou a bater no caixão e tentar abrir, sendo recriminado por todos, pois ninguém deveria profanar o corpo de um morto.

Mas se tinha um corpo ali, deveria ser o dele, já que era seu funeral. Depois de todos chorarem, alguns falarem como ele era bom, que era um exemplo, finalmente chegou o momento de descer o caixão para a cova. Nesse momento, tomado por uma raiva, Josias protestou:

– Eu estou vivo, não tem ninguém nesse caixão.

Então, no meio da multidão, apareceu uma mulher, ela estava de capuz, mas dava para ver suas madeixas ruias caindo pelo pescoço, ela que havia dado a informação da morte de Josias ao editor do jornal gritando:

E depois...

Desorientada Ester indaga:

– Ô uó, o que é abraço? No dicionário diz: “Envolver algo ou alguém com os braços”. O que isso quer dizer?

Dona Valentina nostalgicamente explica à neta.

– Houve um tempo em que as pessoas conectavam-se fisicamente. Um gesto de carinho corporizava-se em toques mútuos. Quando enfermos afagavam a dor. Quando tristes um alento à alma. Quando felizes a partilha da exultação. Meus pais sofreram o fim desses atos como quem perde um ente às sombras, eu lembro vagamente. Sem esse hábito sobreviuemos.

Mais tarde na faculdade, Ester narrou seu diálogo com a avó à turma. Os colegas riram fartamente e voltaram-se às suas cabines estéreis. O holograma da professora a repreendeu por atrapalhar a explicação do cálculo com tal insânia.

– Abraços! Idosos e seus devaneios!

CONTOS E CRÔNICAS



“O medo, o incerto, o inimaginável. Nenhum desses aspectos remete a um cenário positivo. É preciso ter inteligência emocional e muito equilíbrio. O Talentos, um evento que instiga a arte, nos resgata imediatamente desse palco de horrores, trazendo aquela paz que só existe dentro de nós.”

Marilda, a desconhecida

Conheci Marilda no dia do seu enterro. Mulher admirável, diziam todos ao meu redor. Amigos, parentes e funcionários da empresa onde o viúvo trabalhava, todos cabisbaixos, murmuravam pêsames quase que mutuamente e elogios à defunta. De imediato, quando cancelaram a reunião dizendo-me apenas “dona Mari faleceu”, cheguei a acreditar que se tratava da esposa do empresário, tanta era a comoção à minha volta. Ao cumprimentar o dono da conhecida loja de departamentos, expressei meus sentimentos formalmente, deixando para mais tarde, a contragosto, o agendamento de uma nova reunião. Detesto chegar atrasado a qualquer compromisso, mas meu ódio é mortal quando alguém não cumpre seu dever comigo. E agora, chegando no departamento financeiro da empresa, sou praticamente carregado pelo diretor a participar de um velório. Morte súbita, doença ou acidente, eu nem quis saber a causa mortis. O velório da dona Mari transcorre na quadra de esportes dos funcionários, que serve para churrascos de fim de ano ou de confraternização esportiva entre as filiais, hoje servindo de câmara ardente, quem deu autorização nem sei, que absurdo. O enterro marcado para as dez e trinta, mas duas horas antes já começam as homenagens. Daria tempo para uma boa reunião, pensei, estaria livre de protocolos fúnebres aos quais não estava preparado, sequer fazia parte. Foi então que vi, no telão do estádio, a mim mesmo, junto aos diretores, cumprimentando o viúvo, seus filhos e netos, que por sorte, não me deram muita atenção. Havia verdadeiros profissionais gravando e transmitindo o

evento em circuito interno. Fiquei sem saber se me sentia importante ou se era apenas alguém no lugar errado, na hora errada. Desconfortável, no mínimo. Sim, muito desconfortável.

E os discursos, iniciando pelo sr. Romani, dono das lojas, visivelmente embaraçado, mal conseguiu pronunciar “amigos, estamos aqui reunidos para prestar as últimas homenagens à nossa mui querida amiga Marilda, dona Mari”. Entregou o microfone à sua esposa e pediu um lenço com um gesto. Ela, solícita, entregou-lhe o lenço e tirou o microfone de suas mãos, enquanto ele enxugava o suor da testa. Respirando fundo e também quase a chorar, disse que ninguém melhor do que ela para falar de Mari. Xi, lá vem o falatório clichê: amiga, esposa, mãe, colega, sei que lá, sei que lá, mas ela disse “apenas uma amiga, uma pessoa normal, com qualidades e defeitos, com alegrias e tristezas, como qualquer outra, como qualquer um de nós”. Então o que tinha essa mulher de especial para que todos estivessem naquela tristeza toda?

Apresentação póstuma. Falando em alto e bom som, mesmo com a voz embargada, ela disse que “ todos vocês já conhecem de cor a minha história e a do meu marido, a nossa história e dos nossos primeiros funcionários, que eu repito em toda nossa confraternização de final de ano. Sempre gosto de dizer que, morando no interior, meu sonho era ter uma casinha, limpar a casa todo dia, cozinhar, lavar as crianças e aguardar a chegada do maridinho no final da tarde, de cuia na mão. Vindos para a capital,

CONTOS E CRÔNICAS



“Emoção! Foi com esse impulso que escrevi. Agradeço essa premiação à comissão julgadora que se emocionou com meu conto; aos orientadores da Oficina Literária Inspiraturas, Sacharuck e Andrea, que aprimoraram a minha escrita e aos colegas da oficina que me deram apoio.”

Marilda, a desconhecida

como nossa vida mudou! Foi por incentivo meu que o Romaninho aceitou convite para trabalhar com um parente, o que não deu certo, mas com o meu emprego numa lojinha de roupas infantis conseguimos vencer a crise até ele se formar no II grau. Como era e é (olhou para ele carinhosamente) dedicado e inteligente, tirou o primeiro lugar e logo arrumou emprego indicado por um professor amigo. Com emprego melhor, eu pude parar de trabalhar e foi a minha vez de estudar, à noite, que era quando o Roma chegava em casa e ficava com os dois pequenos. Mais tarde, abrimos nossa primeira lojinha, com muito sacrifício e poupança e mais um empréstimo no banco. E, também por incentivo meu, abrimos a primeira filial em um bairro maior, que hoje é a nossa principal loja; mesmo ficando separados um pouco, cada um cuidando de uma delas, fomos adquirindo e trocando experiências. Hoje, com lojas em todos os bairros da cidade e cidades satélite, vejo nossas empresas como uma família, uma grande família, unida não somente pela valorização da diretoria aos seus funcionários, mas também pelo incentivo e apoio do nosso Diretor de Pessoal, viúvo da nossa pranteada amiga Mari. Quando eu repetia esse discurso no final de setenta e quatro, percebi que uma mulher ficou bastante emocionada, diferente dos demais que, já sabendo de tudo, riam-se das minhas historietas, das idas e vindas, altos e baixos, tudo com humor e amor. No final do churrasco a mulher emocionada, já refeita, dona Mari, aproximou-se de mim, e me perguntou o que eu achava do terreno baldio no quarteirão seguinte, onde os funcionários

improvisaram um campinho de futebol, mas que em dias de chuva não havia condições, o campeonato do ano passado foi cancelado em vista dos alagamentos, e considerando que o meu discurso daquele ano incluía uma verba que, por aprovação geral da diretoria estava destinada à ampliação da churrasqueira... Não lhe respondi imediatamente, todo o nosso entendimento sobre essa quadra de esportes ficou para depois, pois eu lhe perguntei direto porque ela se emocionou com minhas palavras; dona Mari sorriu mansamente e com sua voz macia e simplicidade que vocês conhecem bem, disse que se identificou com a minha história, passou por situação semelhante, de ser funcionária de lojinha, com visão de futuro, casou cedo e incentivou o marido a fazer concurso para o banco, ajudou na compra das apostilas, conseguiu com o contador da lojinha uma máquina velha de escrever para ele treinar a datilografia. Quando ele entrou para o banco, ela imaginava que iriam melhorar de vida, sem aquele sufoco para pagar aluguel, água e luz, poderiam fazer um rancho maior, comprar mais alguma roupa, mas ele se apaixonou por uma colega de serviço e lhe deu um belo chute na bunda”.

Recordações fora de hora. Não compartilhei da gargalhada geral causada pelas palavras da senhora Romani, pois eu também me identifiquei com aquela situação. Casei cedo, mal nos conhecíamos, com apenas três meses de namoro e quatro de noivos. Sim, agora sei que precisamos de muito mais tempo para realmente conhecer uma pessoa,

mas estava na idade do fogo, coisa e tal, ela não era muito bonita, mas muito querida, pensei estar apaixonado e não sabia que casar exigia tanta responsabilidade, paciência e dinheiro. As gargalhadas foram um desabafo momentâneo, logo cessaram e me tiraram de minhas recordações. A senhora Romani discorreu ainda sobre a “pranteada” enumerando todos os seus esforços para a ampliação de uma quadra que continha além dos vestiários masculinos, um feminino, uma churrasqueira e uma cozinha. E continuou “essa quadra em que nos encontramos, foi palco de inúmeros eventos promovidos por ela, como a formatura do servente Maneca ao completar o I grau; Campanha de Agasalhos na enchente de oitenta e dois; chegada de Papai Noel, ela foi o Papai Noel em oitenta e sete (risos explodindo em lágrimas nessa hora, eu vi mais de um), cursos de tricô e artesanato para esposas e filhas de funcionários, ministrados por ela mesma, e até aulas de reforço para os estudantes quando saiu o primeiro ENEM. Em seu projeto de creche para as crianças dos funcionários, eu sugeri o nome dela para a sala dos pequenos, ela insistiu que tinha que ser o meu nome, assim foi. Mas hoje eu torno a pensar em renomear a sala, ou quem sabe esse estádio, Estádio Marilda Machado?”.

Antes ele do que eu. Aplausos e apoiados seguiram-se a essas palavras e um viúvo triste e cabibaixo, levantou-se e agradeceu a patroa, tentando não ver o microfone que a mesma lhe empurrava desajeitadamente. Percebi o improvisado dos gestos,

Marilda, a desconhecida

das palavras, dos acontecimentos. Meu coração estava batendo mais forte e eu não sabia por quê. Apareceu a imagem dos filhos da tal Mari, três ou quatro, e eu tive a sensação de estar naquele grupo e também não entendi por quê. O viúvo ajeitou um pouco o paletó, meio se segurando no microfone que nem bêbado na garrafa de pinga, pronunciou algumas palavras de agradecimento a todos, dizendo-se emocionado com as demonstrações de afeto e pêsames, que sabia do dinamismo da esposa, de sua abnegação ao empreender uma tarefa, uma campanha, um evento, sempre com desprendimento, contagiando a todos com sua determinação, enfim, era uma líder. Que percebeu essa determinação ao vê-la pela primeira vez, grávida, vinda do interior, pedindo emprego na loja onde ele recém tinha assumido o cargo de chefe do pessoal, antes mesmo de ser denominado Departamento de Pessoal. Que ela queria comprar o enxoval do seu bebê, já estava em curso a lei das grávidas, bem perto da loja havia uma maternal, poderia amamentar, e se tivesse um bom parto até iria trabalhar antes, que encaminhou-a ao gerente geral e ela foi admitida assim que fez o teste e apresentou os documentos. Que se apaixonou por aqueles olhos cor de água, voz doce, sorriso triste e conseguiu iluminar aquele sorriso algum tempo depois, ao oferecer-se para ser pai do filho dela, aquele menino bem diferente dela, “pois deve ser a cara do pai”, e ela desviava o assunto e os olhos e lhe respondia que passado era passado e casaram-se, sem grandes cerimônias, numa festinha de funcionários na antiga churras-

queira. O viúvo emocionado ainda conseguiu dizer “Aqui iniciou nossa historia, aqui termina”. Não conseguiu falar mais.

O susto, quase um enfarto. Vi-me novamente no telão, desta vez indo ao encontro do seu Machado, levando-lhe um lenço e o ajudando a se sentar. Fiquei em choque! Como eu estava tão novinho? Abaixo de aplausos e, claro, mais lágrimas, até homens eu vi chorar, o rapaz do lenço pediu a palavra e o microfone foi parar em suas mãos. Agradecemos à minha mãe - pediu - os melhores momentos aqui neste ambiente, sempre de festa, hoje de dor, ela não gostaria que estivessemos tristes, contemos nossas lágrimas.

Não consegui ouvir direito o que ele dizia, pois, vertiginosamente, sem conseguir me controlar, comecei a lembrar de mim mesmo ainda moço. Entrando para o banco, depois de apertado concurso, me deslumbrando com os birôs, guichês, carimbos, cheques, facitinhas, audits, e principalmente com as estagiárias. Ah, sempre as estagiárias me tirando do sério! Deslumbrado também com as colegas, cada vez em maior número nos bancos, todas maquiadas e de cabelo escovado, roupas na última moda e sapatos de salto alto, conversas sobre financiamento, empréstimo, conta corrente, crédito e débito. Em poucos meses as minhas conversas com Marilda, que coincidência, minha primeira esposa também se chamava Marilda, foram se esvaçando. E, finalmente uma colega transferida de outra cidade chegou e me conquistou definitivamente (até uma estagiária assumir seu posto). Essa paixonite serviu no mínimo para

apressar meu divórcio. Separação fácil de casal sem filhos, sem bens imóveis, ela não quis de mim nem a pensão a que tinha direito, e ainda me disse uma coisa que agora latejava nos meus ouvidos.

O rapaz ao microfone, sério, como se estivesse acostumado com os revezes da vida, com batalha por emprego, com doença de filho, com esposa reclamante, com amante exigente, com patada de chefe. Mas ele era tão jovem, tão jovem, por que isso tudo me tocava tanto? Fiz um esforço para ouvir mais. “...nós temos muito a agradecer a ela, e eu, em especial, tenho a agradecer a Deus por ela ter sido minha mãe e por ter me ensinado a amar meu pai biológico mesmo sem conhecê-lo e ele nem saber que eu existo. Um dia, de curioso, perguntei como ela era, ela apenas me disse, desviando os olhos, que eu me olhasse no espelho. Cara do pai, velho clichê, mas caráter da minha mãe. Agradeço também por ela ter me dado o melhor pai do mundo, seu Machado, nunca senti falta do meu pai biológico, eu te amo, pai”. Olhou para o “papai Machado”, que sorriu orgulhoso, como se o rapaz estivesse fazendo discurso de formatura. E o meu coração nesse momento quase saiu pela boca.

Saída de emergência. Ninguém entendeu por que pedi transferência intempestivamente de cidade, nem porque não quis comparecer três dias depois na reunião marcada com os diretores da empresa Romani, um dos maiores clientes do nosso banco; não dei satisfação nem para a estagiária com quem tinha encontro marcado, depois de dois casamentos

Calo

Quando o sapato apertar,
Quando não houver o que falar,
As mãos exaustas de trabalhar,
Após a pancada forte,
Se porventura o silêncio pedir a vez,
Gritando, mandando eu postar,
Ainda assim,
Me calo.

POESIA



“A pandemia nos tirou de tempo. Nos jogando para outro mundo, em outro ritmo. O presencial faz falta. Mas mais falta faria ainda não ter o Talentos. Esse evento pode ter salvado vidas. Sabe Lá. A pandemia foi a inspiração. “Calo” marcou minha trajetória de artista amador.”

Dedos

Deixe-me ser morada dos teus dedos
Caminhar a passos curtos
Devagar enquanto se refrescam mútuos
Na fogueira que é teu corpo inteiro

Deixe-me ver nos seus lábios
O brilhar de um molhar sincero
Que entrega aos dedos com esmero
O carinho profundo no seu íntimo ávido

Posto que agora sou um dedo
Apenas para cumprir o que tu determinar
Que eu venha, que eu vá
Que eu ande em círculos, e para lá
Que eu te tenha, também acá

Posto que sou apenas um dedo vão
Mas dentro de ti sou teu pensamento
Aquilo que mais desejas, e que não
Saciará com dedos em movimento

E assim fui apenas teu dedo a andar
Mas movi todo teu corpo
Criei calor e calafrios, e pouco a pouco
Dei-te um sono leve para regozijar

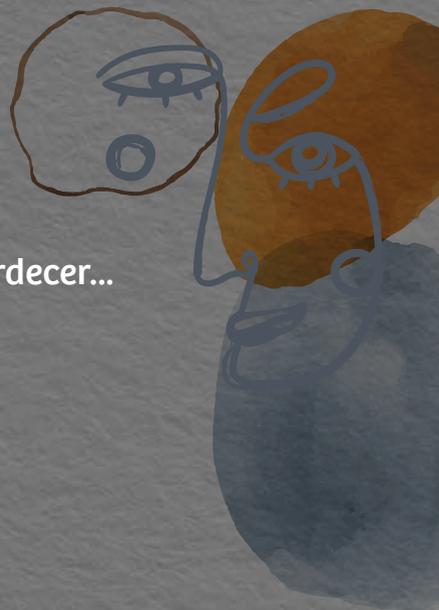
POESIA



“Escrever foi por muito tempo meu escape da realidade, ajudou a moldar quem eu sou e as coisas que acredito. O renovar dos temas neste momento foi quase que obrigatório, mas é para isso que as palavras servem, boas ou ruins, elas levam mensagens, sentimentos, muito maiores que as letras frias aglutinadas.”

Reciprocidades

Para cada amanhecer... um entardecer...
antes que anoiteça
Para cada fruto... um sabor...
antes que apodreça
Para cada tombo... um consolo...
antes que se padeça
Para cada sonho... um projeto...
antes que adormeça
Para cada vontade... um prazer...
antes que não mereça
Para cada lembrança... um sorriso...
antes que se esqueça
Para cada dor... um afago...
antes que adoeça
Para cada partida... um aceno...
antes que se entristeça
Para o último dia... uma lágrima...
antes que desapareça
Para o último suspiro... um motivo...
antes que desfaleça
Para a fé... uma chance...
antes que esmoreça
E para o dia seguinte... um novo olhar...
antes que amanheça



eeeeee

POESIA



“A poesia Reciprocidades é uma espécie de grito de esperança na gangorra da vida, porque para cada fim sempre haverá a chance de um recomeço. Por mais impossível que pudesse parecer, nunca deixei de acreditar que eu era capaz de escrever um novo fim para uma história cheia de reticências.”



FOTO



“O Talentos nos ajudou muito a diminuir os efeitos negativos do isolamento na pandemia, estimulando a criatividade e a produção artística dos empregados. Ser premiado concorrendo com tantos colegas talentosos é um privilégio que me orgulha e ficará marcado na minha vida.”



FOTO



“O Talentos me ajudou também na pandemia. Eu pegava o carro e ia para lugares desertos para fotografar. E foi assim que fiz a minha obra. A Fena se dedica para fazer o melhor para os empregados. Tudo é feito com muita qualidade e carinho. Depois que ganhei o prêmio nacional eu comecei a estudar canto.”



Sinopse: O drama de uma mãe solteira e suas duas filhas no enfrentamento da pandemia do novo coronavírus. A mãe, empregada doméstica em busca do sustento, precisa sair para trabalhar, enquanto a filha mais velha assume o papel da matriarca nos afazeres de casa neste retrato social de Euber dos Santos Melo.

FILME



“Envolver minhas filhas e esposa no filme nos proporcionou um momento de convivência diferente do habitual. Pela dedicação que tivemos, cada um com sua limitação, ver o nosso trabalho ser reconhecido no Talentos Fenaé nos deu muita alegria. A vitória foi da família toda.”



Sinopse: Gil Cabral uma adolescente com superpoderes secretos que deixam qualquer um com inveja. Ao ser convidada para uma festa surpresa, ela pede permissão à mãe, mas só poderá ir se tiver dado um “jeitinho” em seu quarto.

FILME



“O Talentos é um evento muito gratificante para mim, não só no âmbito do trabalho na CEF, mas na minha vida. Saber que a sua obra está sendo vista por tantas pessoas, que elas gostaram e ainda ser reconhecido com a premiação, é fantástico. Me incentiva a melhorar mais.”



Sinopse: Uma adolescente é assombrada por pães misteriosos que a perseguem ao longo de sua casa. Isso mesmo, pães. Um suspense psicológico e misterioso capaz de causar inveja em David Lynch. Cuidado com seu próximo café da manhã, ele pode te atacar!

FILME



“O Talentos é uma super iniciativa da Fenae e é uma forma de mostrar que existe vida fora da Caixa. Participo antes mesmo de se chamar Talentos. Neste ano tivemos que nos adaptar para fazer o vídeo dentro de casa. Mas foi muito bom ter mantido o evento mesmo na pandemia”.



Grande Sertões Vereda

-Nonada!

Só dessangra o peito o sentimento
Que deixou de ser nome e tomou conta
E como é que o amor desponta
Se calada, a alma encobre o intento

E me vejo então na suspirância
Colominhando refrio e esvaçado
Turbulindo, em tudo misturado
Feito o diabo mente desimportância

Atravessou em mim, foi um sibilo
Não tive assombro, não achei ruim
Como que eu podia dizer aquilo?
Chegou, tomou conta de mim

Não tive assombro, não achei ruim
E a idéia no rastro, sibilina
Como que eu podia dizer aquilo?
Chegou, e é minha neblina

- Nonada!

Pois se sabe, viver é perigoso
E a vida sempre pede coragem
Pois nessa travessia a margem
No oposto é ponto sinuoso
Se teu amor, bandalho descorrigido
Se dobrou, vergonha, circuntristeza
Teu sertão em meu sertão fez-se gasteja
Pelo tempo em que Deus come escondido

Atravessou em mim, abriu veredas
Não tive assombro, não achei ruim
Mas o teu amor só foi labareda
Depois que já era o fim

Não tive assombro, não achei ruim
Ensimesmuda se a vida requer
E te salvei quando já era o fim
Morrendo pra nascer mulher

Aqui a estória acaba
Aqui a estória acaba
Aqui a estória acaba
Trauessia

COMPOSIÇÃO



“Os festivais artísticos, mesmo online, são um desafogo e resistência cultural. E a Fenae fez isso de modo extraordinário. Em 2020, realizamos um sonho antigo de fazer um dueto com dois queridos artistas: Raquel Gomes e Bento Rezende. Ficamos extremamente felizes com o resultado e estimulados a pensar no que realizar em 2021.”



Antigos Casarões

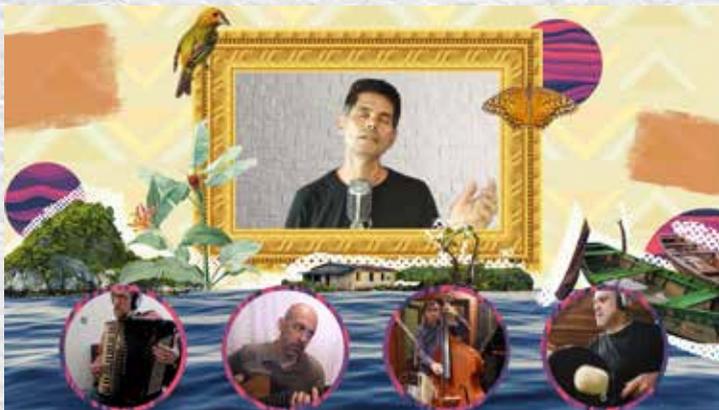
Paulo Trabulsi

Musical score for "Antigos Casarões" by Paulo Trabulsi. The score is written in treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a 2/4 time signature. It consists of two systems of staves. The first system contains the first four staves, and the second system contains the remaining four staves. The score includes various musical notations such as notes, rests, and accidentals, along with chord symbols like D6-9, F#m7(5), B7, Em7(9), Em7(5), A7, Dmaj7/F, Fdim, Em7(9), C#m7(9), F#7(13), Bm7(11), Bm7(11), Am7(11), A7(11), Gm6, C7(9), F#m7(add11), B7(9), Bb9, C9, D6-9, D6-9, C#m7(5), F#7(13), Bm(maj7), Bm7, F#m7(5), B7(9), Em(maj7), Em9/D, C#m7(5), F#7(5), Bm7, Bm9/A, G#m7(5), C#7, and C#m7(5). The score concludes with a double bar line and the instruction "D.C. al Fine".

COMPOSIÇÃO



“Tem sido uma grande satisfação participar das edições do Talentos Fenae, das quais já participo desde 1998, quando se chamava Fenec. O que mais me chama a atenção nestes festivais é o altíssimo nível das composições e interpretações. Parabéns aos colegas economiários, parabéns Apcefs e Fenae!”



Rondônia

Andei mil milhas, procurei
Andei por mares, naveguei
Buscando um canto pra viver
E encontrar o meu lugar

Cruzei montanhas, viajei
Mares de pedra atravessei
Até pisar um dia aqui
Sentir a música no ar

A Mãe Terra reina aqui
Guaporé e Abunã
Fazem vida ao fluir

Um velho porto me acolheu
Muito mais ele me deu
Foi aqui que me encontrei
Na Luz desse lugar

Rondônia,
Rondônia,
Rondônia

COMPOSIÇÃO



“Nada disso seria possível se não fossem as nossas queridas Apcefs e a Fenae. Rondônia foi feita com muito carinho para homenagear aquele lugar extraordinário que abriga a Apcef/RO, que me acolheu de uma forma tão bonita. Recebi muitas mensagens de apoio dos rondonienses e torço para que se torne um hino de Rondônia.”



Do Lado de Dentro

Abre essa porta
Que direito você tem de me privar?
Desse castelo que eu construí
Pra te guardar de todo mal
Desse universo que eu desenhei
Pra nós, pra nós

Abre essa porta
Não se faz de morta
Diz o que é que foi
Já que eu larguei tudo pra ti
Já que eu cerquei tudo ao redor
Abre essa porta, vai, por favor
Que eu sou teu homem, viu?
Que eu sou teu homem, viu?

Cala essa boca, que isso é coisa pouca
Perto do que passei

Eu que lavei os teus lençóis
Sujos de tantas outras paixões
E ignorei as outras muitas,
muitas

Vai, depois liga
Diz pra sua irmã passar
Que eu vou mandar
Tudo que é seu, que tem aqui
Tudo que eu não quero guardar
Que é pra esquecer de uma só
vez
Que este castelo só me prendeu,
viu?
Mas o universo hoje se expandiu
E aqui de dentro a porta se abriu

INTERPRETAÇÃO



“Foi uma experiência muito grandecedora. É uma oportunidade de encontrar pessoas de outros estados, que fazem arte das mais diversas formas. Uma coisa muito importante também é toda estrutura que é oferecida. Sou muita grata à Fenae porque o Talentos proporciona uma rede de amizades e parcerias muito interessante.”



Never enough

I'm trying to hold my breath
 Let it stay this way
 Can't let this moment end
 You set off a dream in me
 Getting louder now
 Can you hear it echoing?
 Take my hand
 Will you share this with me?
 'Cause darling without you

All the shine of a thousand spotlights
 All the stars we steal from the night sky
 Will never be enough
 Never be enough
 Towers of gold are still too little
 These hands could hold the world but
 it'll
 Never be enough
 Never be enough

For me
 Never, never
 Never, never
 Never, for me
 For me
 Never enough
 Never enough
 Never enough
 For me
 For me
 For me

All the shine of a thousand
 spotlights
 All the stars we steal from the
 night sky
 Will never...

INTERPRETAÇÃO



“É uma felicidade gigante ter o meu talento reconhecido através de um evento tão grandioso como o Talentos da Fenaé. Tantas pessoas talentosas reunidas, respirando arte é algo que sempre me inspira! Busco sempre me desafiar, sair da zona de conforto e me entregar completamente a cada obra que apresento no festival.”



Cais

Para quem quer se soltar
Invento o cais
Invento mais que a solidão me dá
Invento Lua nova a clarear
Invento o amor
E sei a dor de encontrar

Eu queria ser feliz
Invento o mar
Invento em mim o sonhador

Para quem quer me seguir eu quero mais
Tenho o caminho do que sempre quis
E um saveiro pronto pra partir
Invento o cais
E sei a vez de me lançar

INTERPRETAÇÃO



“O Talentos é um evento maravilhoso, onde temos a oportunidade de deixar fluir o lado artístico de cada um de nós. Participo desde quando era Fenec. Sou muito grato a Fenae e as Apcefs pela propagação do evento. Me sinto muito honrado em conseguir um pódio em meio à tanta gente talentosa, que poderia estar em outros palcos da vida.”











FENAE

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

www.fenae.org.br  (61) 98142-8428   /FenaeFederacao   @fenaefederacao  /company/fenae-federacao

TALENTOS 
* FENAE * APCEF

QUEM ACREDITA NA
ARTE. VEM.